

E N S A I O S

CALVINO, O CONHECIMENTO E O JORNALISMO

Cláudia R. F. Lemos*

RESUMO:

Este ensaio é uma reflexão sobre o jornalismo como forma de conhecimento, guiada pelas lições de Italo Calvino sobre leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, desenvolvidas no livro Seis propostas para o próximo milênio. Questiona os limites do modelo objetivo que ainda predomina no jornalismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: *Italo Calvino, jornalismo, objetividade.*

Proponho neste ensaio tomar as *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino, como mapa para refletir sobre o jornalismo contemporâneo, a partir da questão do conhecimento. O mapa, lembra Borges, não se iguala ao território, ainda que estejamos sempre buscando torná-lo uma miniatura completa, que seja capaz de ordenar todo o terreno explorado numa unidade perfeita (Souza, 1999: 70). Remetendo ao ensaio "Coleção de areia" (Calvino, 1995: 411-416), Eneida Maria de Souza aponta a proximidade entre as poéticas de Calvino e Borges no reconhecimento da necessidade humana de totalização e da impossibilidade de realizá-la. Coletar areia é render-se à dispersão do mundo, reconhecendo como significativa a ordenação pelo fragmento, "que acredita muito mais na revelação instantânea e fugidia do acontecimento do que na ilusão da posse total do objeto" (Souza, 1999: 78).

Acolher e preservar a multiplicidade seria, para Calvino, a única forma aceitável de atribuir unidade ou ordem às coisas – respeitando sua singularidade e incorporando a escolha e a incerteza como condições para conhecer. Miranda (1990: 537) e Ferreti (1988: 49) já haviam se referido ao "coleccionismo" exercitado pelo último Calvino diante da diversidade do mundo. Parece-me estar aí indicado um programa para o conhecimento possível nesta virada de milênio, tanto na literatura

* Doutora em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Comparada), 2001.

como no jornalismo ou na teoria. A palavra permite traçar um mapa que organiza o mundo. Os mapas, porém, serão sempre arenosos e provisórios, apenas aproximando-se do real sem se igualar a ele e sem torná-lo homogêneo.

MULTIPLICIDADE

O ensaio de Calvino sobre a multiplicidade, último das *Seis propostas*, retrata o romance contemporâneo como uma enciclopédia, rede de conexões tentando lidar com a complexidade de fatos, pessoas e coisas do mundo. Guiado por essa idéia, Calvino lê Flaubert e Raymond Queneau, Thomas Mann, T.S. Eliot e Joyce, Borges, George Perec e seus próprios textos, para concluir que a marca dos grandes romances contemporâneos é a pretensão de dar conta do conhecimento do mundo por meio da inteligência. A incompletude desse projeto é sua garantia de sucesso, já que "hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltíplice" (Calvino, 1990: 131).

Vejo a metáfora da enciclopédia – variedade e ordenação do conhecimento – como imagem não só do romance, mas também do jornal. Parece-me que também o jornalismo pretende esgotar o mundo, dar conta dele todo. O jornal procede à maneira dos romances contemporâneos lembrados por Calvino ou do Balzac realista, que "procurará cobrir de escrita a extensão infinita do espaço e do tempo fervilhantes de multidões, de existências, de histórias" (Calvino, 1990: 114). Existem, contudo, pelo menos duas diferenças importantes entre o romance e o jornalismo. A primeira diz respeito à idéia de objetividade e a segunda à relação entre multiplicidade e totalidade. Se é verdade que o leitor busca no romance uma resposta a sua necessidade de conhecer e organizar o mundo, também é verdade que espera encontrar essas respostas num formato indireto, sintético. Ainda que o romance pretenda cobrir toda a extensão do real e de suas relações, o contrato de leitura estabelecido com o público supõe ficção, com o que ela comporta de liberdade, seleção e distanciamento

dos fatos. Isso quer dizer que o leitor é cúmplice das fabulações do romance ou de outras formas de ficção. Até mesmo espera que o narrador use de todos os meios disponíveis para cumprir o objetivo de lhe contar uma boa história, uma história que atenda sua expectativa de intriga e soluções satisfatórias, questionadoras ou compensadoras.

Não se verifica a mesma cumplicidade do leitor quanto ao jornalismo. Ainda que ali também a boa história seja uma expectativa, ele espera o atendimento do critério de veracidade. Mais do que isso, o discurso de legitimação dos jornais até hoje recusa a constatação científica de que o observador intervém nos fenômenos observados e se baseia, majoritariamente, na negação da mediação. Anuncia-se e espera-se que a intervenção dos jornalistas seja mera organização das diversas posições sobre um fato, de modo a determinar a verdade sobre ele. De preferência toda a verdade, sobre todos os fatos. Está claro que o jornal só pode abrigar um pequeno recorte do mundo dos acontecimentos, orientado por critérios que dizem respeito à visão de mundo de quem o produz e à visão de mundo dos leitores, imaginada e/ou pesquisada pelos produtores. Mas o processo de legitimação do discurso jornalístico naturaliza essa seleção. Além do mais, a notícia e os demais gêneros do jornalismo buscam sempre a conclusão. A objetividade tem a pretensão de relatar os fatos e esgotá-los, permitindo sua compreensão e julgamentos claros, definitivos, pelo menos até a próxima edição. Assim, vai ao sentido oposto da multiplicidade sem totalidade perseguida por Calvino.

LEVEZA E EXATIDÃO

O ensaio sobre a leveza, primeira das conferências preparadas para serem lidas em Harvard, é uma advertência sobre os limites dessa opção feita pelo jornalismo. Calvino indica a leveza como característica de sua obra, que procurou tornar mais volátil a estrutura da narrativa, voltada para o real apenas indiretamente.

Ele justifica sua opção recorrendo à imagem de Perseu, que derrotou a Medusa ao lutar contra ela orientado pelo reflexo da imagem do monstro em seu escudo de bronze:

É sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver, uma realidade que traz consigo e assume como um fardo pessoal. (Calvino, 1990: 17)

Calvino faz referência ainda a um episódio relatado por Boccaccio no *Decameron*. Para escapar das provocações de outros jovens florentinos, o poeta Guido Cavalcanti salta, "levíssimo que era", sobre os túmulos de um cemitério, dizendo aos perseguidores que ali ficassem, entre seus iguais, os mortos. Para Calvino, o que faz Cavalcanti saltar sobre o peso da matéria e vencer a morte é a leveza do espírito, capaz de refletir e universalizar, distanciando-se do real por abri-lo, por meio de imagens precisas, a um deslizamento de sentidos que significa movimento. Essa leveza se opõe ao mundo imediato – não mediado pela capacidade de abstração do pensamento –, pesado na sua opacidade e imprecisão. Nesse sentido, também o jornalismo seria capaz de buscar a leveza do pensamento e se libertar do peso da obscuridade. Mas então seria necessário deixar de se justificar como reprodução da realidade, alegação que veda ao leitor o questionamento. Ao admitir a mediação operada, o jornalismo estaria habilitado a oferecer ao leitor, por meio da concretude de suas imagens, a possibilidade de saltar sobre o peso esmagador dos fatos imediatos, tendo o pensamento por alavanca.

Do mesmo modo, seria preciso deixar de simular exatidão. Para Calvino, esse valor tem três aspectos: o projeto bem definido; a evocação de imagens nítidas e, por isso, memoráveis; e a precisão da linguagem, capaz de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação. Na sua visão, é a linguagem escrita, em especial a literatura, que tem a capacidade de preservar esse valor contra os riscos do nosso tempo – a generalidade e a homogeneização provocadas pelos *media*, pela burocracia e outras formas de disseminação e uniformização. A objetividade, como é entendida no jornalismo contemporâneo, apenas simula exatidão, sendo usada como um artifício que, ao invés de precisar e esclarecer a complexidade do real, ajuda a simplificá-la. Parafraseando a caracterização feita por Calvino (1990: 72) da "epidemia

pestilenta" que atingiu a humanidade, o automatismo das fórmulas criadas tende a nivelar a cobertura dos acontecimentos em esquemas genéricos de significado diluído, homogeneizado, extinguindo "toda centelha que crepita no encontro das palavras com novas circunstâncias".

A finalidade do paradigma da objetividade é oferecer uma visão sintetizada e organizada dos acontecimentos, que pareça real por ser compreensível, depurada da confusão estonteante do mundo. Contudo, ao reduzir a complexidade a quase nada, esse modelo acaba destituindo a linguagem e as imagens de sua necessidade interna, da riqueza de significados possíveis que daria a elas a força para impor-se à atenção. "Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória; o que não se dissolve é uma sensação de estranheza e mal-estar", afirma Calvino (1990: 73), ecoando o incômodo de Benjamin diante da proliferação do indiferente e descartável.

VISIBILIDADE

O escritor italiano conta que inventou as primeiras histórias quando ainda não sabia ler, a partir das imagens de *comics* americanos, publicados pelo semanário italiano *Corriere dei Picoli*. O menino se dedicava a contemplar os quadrinhos e a interpretá-los repetidas vezes, de maneiras variadas. Evocada na conferência sobre a visibilidade, a experiência remete ao poder das imagens de fazer pensar e refere-se ao papel fundamental do repertório produzido pela indústria cultural. Calvino o compara com o tempo em que a memória visual do indivíduo estava limitada a sua vivência direta e a um conjunto bastante limitado de imagens da tradição, para advertir que a profusão e a onipresença das imagens industrializadas podem impedir o indivíduo de formar combinações originais, ou pelo menos inesperadas.

Entretanto Calvino define a si mesmo como um filho da civilização da imagem e recorda a silhueta do Gato Félix como seu primeiro modelo de elegância e

de síntese. Quando adverte para o risco de perdermos a capacidade de pensar por imagens, diante do excesso delas, é para propor uma pedagogia da imaginação, que jamais recusa as características do seu tempo. Se é impossível escapar da presença invasiva da indústria da comunicação, o escritor propõe o uso da palavra para alcançar e preservar tanto a experiência concreta como a fantasia das imagens. Aí, mais uma vez, vê na escrita o caminho do pensamento, por meio do qual o homem contemporâneo pode aprender a decodificar o universo de signos em que vive e adquirir um suplemento de consciência (Milanini, 1990: 154). Calvino sugere traduzir por meio da palavra as visões obtidas pela observação e pela imaginação, tirando partido da capacidade da escrita de focalizar, e a usando como antídoto contra a indiferenciação provocada pelo excesso de imagens homogeneizadas da cultura de massa. A areia aparece como símbolo da variedade e da mobilidade, que tornam impossível totalizar ou cristalizar realidades ou imagens, em

(...) páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto (Calvino, 1990: 114).

Ao recordar sua experiência de expectador voraz de cinema durante a adolescência, antes da Segunda Guerra Mundial, o escritor italiano conclui que as imagens convencionais de Hollywood, mesmo no seu artificialismo e mistificação, lhe proporcionavam distanciamento (Calvino, 1990a). A formulação é similar ao distanciamento apontado por Benjamin (1986: 94-102; 168-170) como potencial da fotografia e do cinema. Trata-se do poder da imagem, e também da narrativa, de oferecer ao leitor ou espectador um campo de elaboração indireta do real. Esse é o potencial de visibilidade das imagens e palavras que cumpre preservar no novo milênio, seja na literatura, no cinema ou no jornalismo, protegendo-as da produção excessiva que as banaliza e exaure seu poder. Como afirma Benjamin (1986: 174), "fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas" é a tarefa que dá sentido aos produtos da indústria cultural.

RAPIDEZ

Calvino elege Mercúrio o patrono de seu projeto literário. Hermes-Mercúrio é o deus das comunicações e das mediações, patrono dos viajantes e comerciantes. Filho de Júpiter e Maia, aparece com sandálias aladas ou asas no capacete, agindo como mensageiro dos deuses. Ágil e em sintonia com o mundo, não só leva e traz mensagens, mas as interpreta, relacionando seres e objetos, razão de seu patrocínio tanto do projeto literário de Calvino como do jornalismo.

Em Calvino, todavia, Mercúrio, rápido e ligado ao mundo, não aparece sozinho como patrono da literatura que o escritor almeja produzir. A habilidade em estabelecer relações entre os acontecimentos particulares e as leis universais está marcada pela influência de outro deus: Vulcano-Hefaístos, o artesão capaz de lapidar obras únicas, por meio de uma concentração construtiva que seria o contraponto necessário e complementar à sintonia de Mercúrio com o mundo. Apenas no foco de Vulcano, a continuidade do tempo representada por Mercúrio poderia ganhar forma e tornar-se portadora de significado. O cuidado na confecção é a condição necessária para que a relação entre os objetos, únicos em seus detalhes, e dos seres com eles, seja carregada de sentido.

Ao escrever sobre a rapidez, Calvino a toma como sinônimo de condensação e, por isso, faz o elogio dos textos curtos. Lembra que a maior parte de sua obra se compõe de contos e afirma que muitos dos experimentos que realizou só seriam possíveis nesse formato breve. Para ele, entretanto, a extensão do texto só é um critério válido quando ligada à sua densidade, diametralmente oposta à padronização e à pressa de produzir. Assim, a brevidade é um valor apenas se significa que "um máximo de invenção e de pensamento se concentra em poucas páginas". Tal resultado exige um trabalho paciente e minucioso de adequação de todos os elementos, combinando conceitos e sons "os mais eficazes e densos de significado". Na leitura, a rapidez seria capaz de interromper o fluxo de informação e, assim, ao mesmo tempo, exigir e permitir a reflexão. O estilo sintético provocaria a agilidade do pensamento, levado a deslocar-se pela velocidade do texto, que faria contraponto à profusão de banalidades.

A rapidez de Calvino não é a do consumo. Ao contrário, é uma rapidez construída na oposição ao amontoado da profusão descartável, baseada na restrição da quantidade de produtos disponíveis, tanto no aspecto da extensão abreviada, como do volume de produção resumido. Combate-se a própria lógica do consumo, a insatisfação que leva a buscar sempre mais objetos ou informações. Para o jornalismo, como para a literatura e todas as formas de produção humana, trata-se de um enorme desafio da virada do século. Ser rápido para deter a velocidade avassaladora.

Calvino se preocupava com a "utilidade" do trabalho de escritor, que exerceu em jornais, como autor e editor de livros. Numa entrevista, disse que a sua era uma moral de artesão: "*Cerco di fare prodotti che servano. Non mi prefiggo mai come fine la soggettività, l'espressione di un me stesso – che non so quale sai. Mi prefiggo il servizio, il fare ogni volta l'oggetto che mi chiedono (...)*" (Apud Milanini, 1998: 69)¹. Para ele, a razão de ser do escritor poderia ser resumida em "ajudar o mundo – as coisas, as pessoas – a se verem" (Apud Milanini, 1998: 76), tarefa que requer preservar a multiplicidade, o respeito à variedade das coisas, almejado em oposição a um mundo infestado pelo excesso de palavras e imagens homogêneas – com a contribuição do jornalismo:

Pour avoir un contact avec le monde extérieur, d'aucuns se contentent d'acheter le journal chaque matin. Je n'ai pas cette ingénuité. Je sais ne pouvoir tirer des journaux qu'une lecture du monde faite par d'autres, ou produite plutôt par une machine anonyme dont la fonction est tamiser, par les poussières infinies d'événements, ceux qui seront qualifiés de "nouvelles".

D'autres, pour échapper à l'emprise du monde écrit, allument la télévision. Je sais toutefois que les images, même saisies sur le vif, font partie d'un discours construit, à l'instar de celui des journaux. Aussi, sans acheter le journal ni allumer la télévision, je me contenterai d'aller faire une promenade.

Mais tout ce que je vois dans les rues de la ville a déjà une place assignée dans le contexte de l'information homogénéisée. Ce monde que je vois, celui dont on s'accorde à dire qu'il est le monde, se présente à mes yeux, au moins pour une large part, comme déjà conquis, colonisé par les mots: c'est un monde sur lequel pèse une épaisse croûte de discours. Les événements de notre vie sont déjà classifiés, jugés, commentés, avant même qu'ils ne se produisent. Nous vivons dans un monde où tout est déjà lu avant de commencer à exister (Calvino, 1998: 114-115).²

O remédio, na concepção de Calvino, não é abandonar a linguagem. Por outro lado, ele não considera a possibilidade de render-se ao inevitável e aderir

à banalização. Para Calvino, o dever do escritor é combater essa peste, sabendo conservar intacta a força do desejo e fazendo sobreviver uma linguagem marcada pela clareza (Calvino, 1998: 119). Tanto do ponto de vista do leitor como do escritor, que é um tradutor das coisas, a única possibilidade de salvação estaria na consciência a respeito da linguagem, no aprender a decodificar o universo de sinais para alcançar a limpidez (Milanini, 1990: 154). O programa calviniano para a literatura poderia ser, perfeitamente, o programa para o jornalismo.

NOTAS:

1. "Procuro fazer produtos que sejam úteis. Não proponho nunca como fim a subjetividade, a expressão de mim mesmo – que não sei o que seria. Me proponho o serviço, o fazer cada vez o objeto que me pedem (...)."
2. "Para ter um contato com o mundo exterior, alguns se contentam em comprar o jornal toda manhã. Eu não tenho essa ingenuidade. Sei que só posso extrair dos jornais uma leitura do mundo feita por outros, ou antes produzida por uma máquina anônima cuja função é peneirar, entre a poeira infinita dos acontecimentos, aqueles que serão qualificados como 'notícias'. Outros, para escapar da prisão do mundo escrito, ligam a televisão. Sei, contudo, que as imagens, mesmo colhidas ao vivo, fazem parte de um discurso construído, a exemplo daquele dos jornais. Também, sem comprar o jornal nem ligar a televisão, eu me contentaria de fazer um passeio. Mas tudo o que vejo nas ruas da cidade já tem um lugar assinalado no contexto da informação homogeneizada. Este mundo que eu vejo, este que estamos de acordo em chamar de o mundo, se apresenta a meus olhos, pelo menos em grande parte, como já conquistado, colonizado pelas palavras: é um mundo sobre o qual pesa uma espessa crosta de discurso. Os acontecimentos de nossa vida já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de serem produzidos. Vivemos em um mundo no qual tudo já está lido antes de começar a existir."

ABSTRACT:

This essay is a reflection about journalism as knowledge, based on the lessons written by Italo Calvino on lightness, quickness, exactitude, visibility and multiplicity, in the book Six memos for the next millennium. It questions the limits of the objective model that still dominates contemporary journalism.

KEY WORDS: *Italo Calvino, journalism, objectivity.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVINO, Italo. *Autobiografia di uno spettatore*. In: CALVINO, Italo. *La strada di San Giovanni*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1990.
- _____. Monde écrit et monde non-écrit. Trad. Martine Guglielmi e Jean-Baptiste Para. *Europe*, Paris, v. 75, n. 815, p. 112-119, Mars 1997.
- _____. *Saggi. 1945-1985*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1995.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FERRETTI, Gian Carlo. *La collaborazione ai peridodici*. In: Falaschi, Giovanni (Org.) Italo Calvino. Atti del convegno internazionale. Firenze, Palazzo Medici-Riccardi, 26-28 febbraio 1987. Milano: Garzanti, 1988. p. 41-52.
- MILANINI, Claudio. L'editore di se medesimo. In: BERTONE, Giorgio (Org.). Italo Calvino. *A writer for the next millenium. Atti del Convegno internazionale di studi*. San Remo, Centro Congressi Ariston, 28 novembre 1996. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1998. p. 67-77.
- _____. *L'utopia discontinua*. Saggio su Italo Calvino. Milano: Garzanti, 1990.
- MIRANDA, Wander Melo. Italo Calvino ou a ficção como ensaio. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Abralic, v. 1, 1991, p. 535-541.
- SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica/ Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.